

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	17
1. CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE NA DÉCADA DE 1980	31
<i>Na transição política para a democracia:</i>	
<i>A socialização da política</i>	32
<i>Situação educacional no estado de São Paulo</i>	35
<i>Organização do trabalho docente</i>	43
<i>Caracterização do professor público estadual</i>	52
<i>Os professores na EESG “Professor Ayres de Moura”</i>	61
2. REPRESENTAÇÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE	71
<i>A escolha profissional: A ambigüidade entre conformismo e resistência</i>	74
<i>No cotidiano da escola: O trabalho docente</i>	86
<i>Aprendendo a ser professor</i>	92

<i>Condições e organização do trabalho docente</i>	100
<i>Vocação e prazer: Significados atribuídos à vivência das condições de trabalho</i>	117
<i>O resgate da práxis na construção do trabalho docente</i>	125
3. A POLITIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR: UMA NOVA SOCIABILIDADE	135
<i>A experiência das primeiras greves: 1978/1979</i>	143
<i>Construção da escola como um espaço público</i>	162
<i>A experiência da greve de 1984</i>	183
<i>No processo instituinte da escola como espaço público — sua fragmentação pelas condições de trabalho</i>	189
<i>A experiência da greve de 1989</i>	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS	211
BIBLIOGRAFIA	217

APRESENTAÇÃO

O que representa a instituição escola na sociedade moderna? Qual o significado e as especificidades do trabalho do professor no interior do espaço escolar? Como se desenvolvem as relações sociais entre professores e alunos no processo de aprendizagem? Essas questões encontram-se no centro de um debate intenso, controverso e multifacetado, realizado tanto no âmbito acadêmico, no chamado “discurso competente” ou senso crítico, caracterizado pelo rigor científico, quanto nas análises impregnadas pelo senso comum.

Podemos destacar duas posições antagônicas situadas nos extremos de um *continuum* de discussões a respeito das questões apontadas: desde seu nascimento, a escola de massas tem vivenciado a contradição entre a perspectiva enciclopedista — *o conhecimento liberta o homem das trevas e da superstição* — e a perspectiva burguesa — *educar o suficiente, não mais do que o suficiente, para a produção*. Isso quer dizer que, nos extremos do referido *continuum*, o aspecto disciplinar da escola significa o contraponto para a sua dimensão libertadora.

A análise realizada por Neri das representações sobre o trabalho docente rompe com essa compreensão dicotômica e linear do objeto,

coloca para reflexão e discussão vários aspectos referentes ao trabalho docente e, conseqüentemente, à instituição escola. É por essa razão que encontro na leitura deste livro similitudes com o conjunto de telas pintadas por George Deem, tendo como tema central a sala de aula. Ambos, Neri (através da palavra escrita) e Deem (através da pintura), revelam-nos a complexidade dessas relações, adstritas a diferentes aspectos, muitas vezes contraditórios.

George Deem soube captar diferentes representações das relações sociais na escola através de suas telas, expostas em vários museus norte-americanos a partir de 1993. Edward Peterson fotografou-as, possibilitando assim a publicação de um livro a respeito desta obra.¹ Elegendo a escola e as relações sociais que nela são estabelecidas como tema central, e com extraordinária habilidade artística, Deem realiza uma retrospectiva através da história da arte, homenageando com divertida e sofisticada irreverência grandes mestres da pintura. Para tanto, apropriase das características distintivas do estilo e da visão de mundo presentes na obra de 38 pintores famosos — entre eles: Rembrandt, Velasquez, Modigliani, Sargent, Hopper — para pintar, revisitando-os, sempre um mesmo espaço social: o espaço escolar.

Descrevo a leitura que realizo de algumas dessas telas.

Na pintura de Velasquez, o universo escolar é feminino; a relação professor-aluno é marcada pela tranqüilidade, sugere abnegação. A sala de aula assemelha-se a um monastério. George de la Tour acrescenta a essa visão uma claridade difusa, que não permite enxergar o espaço com nitidez em decorrência da pouca luminosidade das velas; o medo é introduzido na sala de aula.

Sargent também compreende a escola como sendo um espaço feminino. No entanto, enfatiza a frieza, a distância entre professora e alunas. Modigliani a impregna de sedução e Matisse de alegria.

1. George Deem, *Art School. An homage to the masters*. São Francisco: Chronicle Books, 1993.

Homens e mulheres convivem como professores ou alunos na tela-homenagem a Hopper. No entanto, juntos, vivenciam a angústia da solidão.

Ashcan compreende a escola como território masculino e a impregna de violência. Rembrandt salienta a presença de severos homens sábios e Piero Della Francesca, com lirismo, sugere liberdade.

Na tela da Escola de Atenas, Deem politiza o espaço escolar, resgatando o debate; porém, fora da sala de aula, a seu lado, pois as carteiras restam vazias, colocadas lado a lado, disciplinadamente vazias.

Deem finaliza a exposição com uma tela que qualifica de autobiográfica: “Esta sou eu, é a minha sala de aula”, diz o pintor revelando um espaço repleto de sonhos em um trabalho denominado *School of thought*.

Ao término da exposição fica a impressão que nenhuma das diferentes escolas representadas, que nenhum dos sentimentos transmitidos pode ser eliminado na construção das relações sociais nelas observadas, como se fossem peças de um quebra-cabeça que não se completaria se alguma de suas partes não fosse considerada.

Este livro elaborado por Neri realiza, na reflexão acadêmica, uma análise semelhante à que George Deem realizou nas artes plásticas.

Tomando emprestadas as palavras de Guimarães Rosa,² Neri realiza um estudo a respeito da “travessia” percorrida cotidianamente pelo professor nos caminhos da escola pública em São Paulo. E essa travessia é reveladora pois apreende as especificidades, as contradições, as ambigüidades desse ofício, sem cair na tentação de comparações redutoras, como por exemplo com o trabalho operário.

Assim, a autora nos revela múltiplos aspectos na construção do sujeito coletivo — professor —, a partir da experiência cotidiana, através

2. “Digo: o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.” (Guimarães Rosa, *Grande sertão: Veredas*) citado por Aparecida Neri de Souza na Introdução deste livro.

de práticas, conflitos, valores e sentimentos, o fazer diário desse ofício. Nesse processo, reconstrói, historicamente, a politização do espaço escolar.

Neri nos possibilita, por intermédio de seu cuidadoso trabalho de pesquisa, conhecer vários aspectos que vão compor a construção dialética do trabalho docente. Ao término de sua leitura, revivencia-se a impressão provocada pelo conjunto dos trabalhos de Deem de que todas as dimensões apontadas vão resgatar um todo, no interior do qual uma categoria reafirma suas especificidades: Sou professor, sim senhor!

Liliana Rolfsen Petrilli Segnini